

## **ENTRE-DEUX: DESTERRITORIALIZAÇÕES, NOVAS TERRAS E OUTRAS PARTILHA DE DOIS EDUCADORES EM INSTITUIÇÕES DE CLAUSURA**

Luiz Guilherme Augsburger<sup>1</sup>

Albio Fabian Melchiorretto<sup>2</sup>

**Resumo:** O território é domínio do ser. O território também é a marca de uma condição de estar num dado momento. O território também é meio para devir, é nômade. O território é a propriedade do animal e sair dele é aventurar-se, é a possibilidade da construção de uma nova terra, um novo meio a se habitar. No caminho entre o território estabelecido e a busca pela nova terra desenhamos um mapa entre duas experiências em instituições de clausura: um duplo *entre-deux*. As experiências aconteceram na Penitenciária Industrial de Blumenau/SC e no Hospital de Custódia e Tratamento de Florianópolis/SC, onde cada um de nós, pesquisadores, aventurou-se em experiências educacionais com os internos, sujeitos marcados por uma condição de ser e estar – rostos e paisagens. No texto também caminhamos pela construção de um território onde evidenciamos as características desses experimentos educacionais por meio de um diálogo-relato entre as duas vivências. Nestes experimentos em educação e nestas vivências encontramos os traços de uma nova terra: o devir-liberdade e, na impossibilidade de se deixar aquelas terras, a possibilidade de habitá-la de outro modo – linhas de fugas, nomadismo no mesmo lugar através das relações naquele *intermezzo*, nesses *entre-deux*.

**Palavras-chave:** Devir; educação; instituição de clausura.

**Abstract:** The territory is the domain of being. The territory is also the mark of a condition of being a given moment. The territory is also environment to become, it is nomadic. The territory is the property of the animal and leave it is to venture oneself, is the possibility of the construction of a new land, a new environment to be inhabited. On the way between the established territory and the search for the new land, we draw a map between two experiences in enclosed institutions: a double *entre-deux*. The experiments took place in the Industrial Penitentiary of Blumenau/SC and the Hospital of Custody and Treatment in Florianópolis/SC, where each of us, researchers, ventured into educational experiences with the inmates, subjects marked by a condition of *being* – faces and landscapes. In the text we also walk by the construction of a territory where we evidence the characteristics of these educational experiments through a dialogue-report between our experiences. In these experiments in education and in these experiences, we found the traces of a new land: the becoming-freedom and, in the impossibility of leaving those lands, the possibility of inhabiting it in another way – lines of flight, nomadism in the same place through relations in that *intermezzo*, in these *entre-deux*.

**Keywords:** Becoming; education; enclosed institution.

### **Seja bem-vindo**

Corredores escuros e longos cercados por grades. Por todos os lados, grades. Olhava para cima em busca de um ponto de fuga, mas também ali havia grades. A cor cinza predominava. Talvez devesse falar de negação de qualquer cor. Tons pastel que deixam tudo sem tom. A

---

<sup>1</sup> Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC. Graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau – FURB e mestre em Educação pela UDESC. *E-mail:* [luizg.augs@gmail.com](mailto:luizg.augs@gmail.com).

<sup>2</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI/SC. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE e mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. *E-mail:* [albiofabian@gmx.com](mailto:albiofabian@gmx.com).

solidão do caminhar era rompida por vozes indecifráveis. Ecoavam distantes. Cheguei até uma porta. Parei de frente a ela. Uma porta de metal com uma pequena janela. Na janela, grades. Aquela porta separava um antes e um depois. Um umbral, um portal. A porta se abriu devagar, seu ranger denuncia a ausência de lubrificação (mais tarde ficaria claro, essa rigidez reverberava em toda a estrutura prisional). De costas, corpos sentados, vestidos de laranja, rapidamente ficaram de pé. Ninguém olhou para a porta. Todos, virados para o quadro verde na parede cinza, olhavam para frente. Congelei. Minha vontade era fugir. Como fugir, se atrás de mim incontáveis grades, uma após a outra, protegiam o mundo lá fora dos que habitavam esse território. Medo. A possibilidade única era seguir em frente. E fui. Caminhei até alcançar o quadro. Ao lado dele, a mesa do professor. Os corpos alaranjados sentaram devagar. Todos homens, de cabelo raspado e barba feita. Todos olhavam firme. O que fazer? A existência de um protocolo para eles era clara, mas inodora para mim. Deixei meu material sobre a mesa e fui ao centro da sala. Com voz rouca e trêmula deixei sair: “Boa tarde... sou o Albio e lecionarei ‘Ética e Iniciação Profissional’”. Fui ao encontro de cada um. Apertei as mãos e olhei nos olhos e ouvi o nome de cada qual. Olhos verdes e castanhos e azuis, em rostos marcados pela expressão de seriedade. O clima era de tensão. Na janela de fora, agentes prisionais observam aquele gesto. Prossegui o ritual. Ao final, o último de todos pediu a licença e falou: “Fique tranquilo, professor. Entre nós existe respeito, afinal, somos homens que temos que conviver dia a dia juntos. Seja bem-vindo”. Com este gesto iniciei meu primeiro (des)encontro na Penitenciária Industrial de Blumenau.



FIGURA 1 – Corredor da Penitenciária Industrial – Acervo dos pesquisadores

\*\*\*

Era uma segunda-feira. Seguindo um muro extenso e branco, buscava a entrada. Na extremidade do muro, um grande portão de metal guardava aquele lugar. No canto, uma pequena porta. Atravessei-a. Não conhecia os protocolos daquele lugar, apesar de imaginá-los. Imagens construídas a partir de experiências em outras instituições com caráter burocrático: escola, hospital, universidade etc.; mas também a partir de filmes e livros. Passos titubeantes. Falei com a agente na guarita. Ela interfonou para algum responsável da instituição que me deixou prosseguir. Entrei e segui, com agentes abrindo e fechando portas-portões-grades até chegar à sala da psicóloga. Ela aguardava-me para irmos uma assembleia com aqueles que habitavam esse território. Ao entrar propriamente no prédio da instituição em que iria trabalhar, uma sensação encharcou-me. Feito onda que lança a água sobre a areia seca, penetrando-a, transbordando-a, um estranhamento e desconforto e tensão encharcaram-me. Os códigos pareciam estar inscritos em cada centímetro, em cada segundo daquele lugar, mas numa língua na qual eu gaguejava. Acompanhei a psicóloga e outros técnicos até o refeitório, onde seria realizada a assembleia e onde acontecerão as oficinas de que serei responsável. Passamos por agentes em negro estrategicamente distribuídos ao longo do percurso. Alguns cumprimentaram-me, outros apenas olharam, e uns, ainda, pareceram ignorar minha presença. Passei por mais portas-portões-grades estrategicamente distribuídas ao longo do percurso. Algumas trancadas, algumas apenas fechadas, outras abertas. Elas levavam de um corredor a outro, ou desembocavam em pequenos pátios onde corpos em trajes alaranjados pegavam sol, ou marcavam a entrada de leitos. Chegamos ao refeitório. Paredes de azulejo branco e chão de piso branco e teto de forro branco e, dispostas em duas fileiras, bancos e mesas brancos. Corpos alaranjados já aguardavam sentados nossa chegada. A assembleia iniciou-se. Após uma série de procedimentos padrões a ela, chegou o momento de apresentar-me. Senti um frio na barriga e dúvidas pululavam em minha cabeça (O que dizer? Como dizê-lo?). Um pouco tenso e reticente, como quem sentia o terreno e media as reações antes do próximo passo, disse: “Bom dia, chamo-me Luiz, sou mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação da UDESC. Trabalho e pesquisa educação não-escolar e vou realizar oficinas aqui, com vocês. Também gostaria de conhecer um pouco de vocês e desse espaço, ao longo deste processo”. Um dos internos olha-me e diz: “Seja bem-vindo”. A cordialidade foi reconfortante. Com este gesto iniciei meus (des)encontros no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCT).

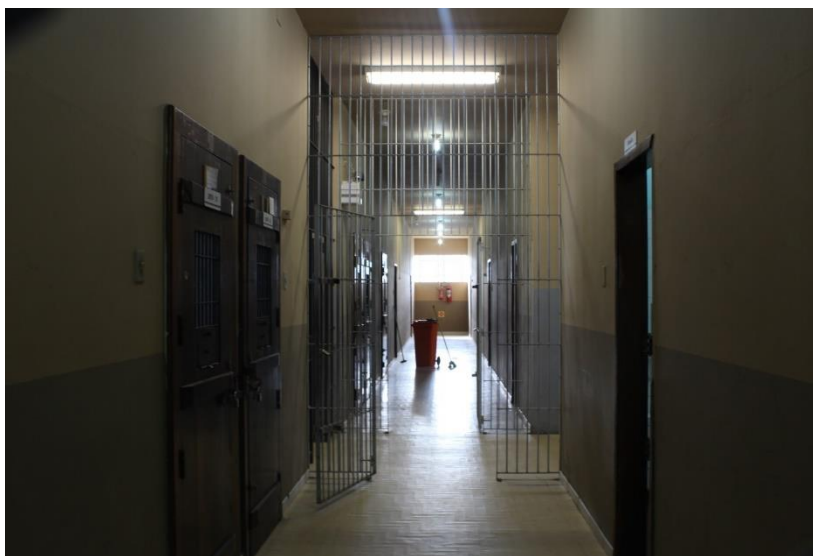


FIGURA 2 – Corredor do Hospital de Custódia e Tratamento – Acervo dos pesquisadores

## Territórios e aqueles que os habitam

Compostos por diversos movimentos, intercruzamento de diversas linhas, somos isso que devem entre mil platôs. Também vagamos entre diversos papéis, o filho, o pai, a mãe, o estudante, o professor, e assim por diante, em cada espaço, que também não é único, uma diversidade de “rostos” e “paisagens” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a). Na sala de aula da prisão ou em um oficina no ‘manicômio-judiciário’, são diversos os cruzamentos: o estudante, o apenado, o participante, o interno, o louco, o criminoso, o doente, o homem, o sonhador, o paranoico, o delinquente, o perigoso, o amigo... Um jogo de territórios que compõe rostos, várias máscaras a sobrecodificar as cabeças, os corpos: um apenado homem que frequenta uma sala de aula e, em diversos momentos, desperta sonhos futuros, desterritorializado pelo sistema penal que ajusta posturas condenadas pela lei, um meio para manter a reterritorialização. Um doente que participa de oficinas que, amiúde, compõe linhas de fuga, sem sair do lugar, sabendo que jamais poderá sair daquele lugar. A cela de aula, em certo grau, é uma “nova terra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997). A oficina, alquando, agencia desterritorializações. O apenado foi retirado de um território (família, trabalho, sociedade?) para ser posto, ou jogado, noutra território (a penitenciária), onde uma nova terra é muitas vezes a liberdade, como uma linha além do horizonte murado, gradeado e cinza. O interno foi retirado de um território (da sociedade, do manicômio, da prisão?) para ser encerrado em outro (o hospital-manicômio-prisão, o HCT), onde uma nova terra é a liberdade (...) ou apenas um lapso momentâneo de instituição. Nas instituições, eles buscam um espaço a poucos metros, por algumas horas ou minutos. Há horários também em que são expurgados da cela (do leito, do cubículo, da enfermaria) e conduzidos ao espaço de aula. Ali são reterritorializados pelo sistema escolar, pela pedagogização, sempre à espreita, nos corpos escolarizados-escolarizantes, do educador, do oficinairo, nos rostos (professor-aluno), nas paisagens (sala de aula). “A desterritorialização pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, como o que a linha de fuga permanece bloqueada” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 197). Os aparelhos de captura operam incansavelmente.



FIGURA 3 – Cela de Aula – Acervo dos pesquisadores

\*\*\*

Estes indivíduos não são somente presos ou internos, como também não são só alunos ou participantes, e é em meio a isto que um deserto, uma passagem a uma terra prometida, ainda que distante, acontece. Essas pessoas têm sua liberdade, como todo bom sujeito contemporâneo a deseja, negada. A cada encontro (com o estrangeiro, o professor, o oficinheiro, a matéria, a oficina), eles internalizam a possibilidade de um dia reterritorializarem-se no fora-das-grades. Mas, neste espaço de negação do outro e da fuga, nesse espaço estriado, a cela de aula e a oficina têm potência de momento de desterritorialização (dessa negação da liberdade): brota nelas certa força, a esperança, que direciona para uma nova terra e assim permite uma linha de fuga – ainda que esse momento seja fugaz – em relação aos códigos e às normas e aos rostos e aos estriamentos e aos aparelhos de Estado e... Assim, nova terra e nova habitação de território e novo algo devêm. Outros mundos, co(a)smos, diferenciações... Vetor de desterritorialização... O movimento não é constante, mas nunca para... É-se levado para um novo movimento... Não há estabilidade numa “desterritorialização (absoluta)” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que proporciona um movimento de devir.... Há potência... Não há retorno, senão da diferença (DELEUZE, 2006)...



FIGURA 4 – Oficina – Acervo dos pesquisadores

### **Aqui e lá, entrar e sair**

Há particularidades em cada processo. A passagem de entrada e saída da cela de aula é marcada por uma rigorosa revista. Os corpos nus dos apenados, apoiados com as mãos na parede, são revistados de maneira invasiva. Ora, ainda não são alunos, ora já não são mais alunos; são, na entrada ou na saída, encaminhados para algum outro fluxo. Uma força que os arranca de um lugar, num movimento violento, que apaga no aluno a esperança reflexiva de

uma aula em que almeja algo lá, no futuro. A violência da instituição, a força da revista, arranca-os daquele lugar outro, daquele momento de nômades em busca de uma nova terra e reinstaura o instante presente de negação da liberdade.

\*\*\*

As oficinas não reduzem a pena. Não há pena. Esses corpos alaranjados estão encerrados por medidas de segurança cujo prazo certo de liberação para o fora-das-grades é sempre incerto e, quando o fora-das-grades ocorre, é prolongado pelos regimes dos remédios, que perduram para além dos muros do HCT. As oficinas também lhes roubam o tempo ao ar livre, pois ocorrem no momento em que eles poderiam ir ao pátio (onde podem tomar sol, caminhar, fazer exercícios em aparelhos de ginástica ou jogar basquete, ou apenas estar lá). As oficinas concorrem com o tempo e o espaço deles que mais se aproxima de um “fora” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

\*\*\*

Ainda assim, eles retornam. A despeito das violências, das capturas, das escolhas, das privações, das desesperanças, das concorrências, eles retornam. Voltam à cela de aula, às oficinas. Há algo que move cada um, que move cada (des)encontro. A repetida passagem truculenta para entrar e sair da cela de aula é movida por algo, por uma força para encontrar um lugar ou para devir. A abstenção ao sol, ao ócio, ao exercício, a um certo fora é movida por algo... O que move cada passo pode ser a esperança da liberdade, pode ser o devir-liberdade. Pode ser o desejo estar lá fora, ou o fora que arrasta o desejo para outro território, nova terra, ainda que sem sair do lugar. Mas tudo é provisório. Mais tais momentos muito dependem da administração do Departamento de Administração Prisional (DEAP). São as administrações institucionais que permitem uma cela de aula, uma oficina, um momento de ser aluno, um momento de ser participante da oficina. São as administrações que abrem um espaço, junto com o professor, o oficinheiro, os alunos e os participantes, junto com essas potências, com essas possibilidades... Possibilidades que deixam de existir no instante de rebelião interna, de confusão, ou mesmo de “mal comportamento”, que rompem a barreira que o sistema prisional chama de ordem. Quando há a desordem as respostas começam pela eliminação daquilo que permite uma linha de fuga, inda que momentânea, do estar apenado, do estar sob medida de segurança: a cela de aula é bloqueada, a oficina é vetada, os banhos de sol não são permitidos, as visitas impedidas, os medicamentos intensificados. São levados à imersão profunda do território penitenciário, do território manicomial, do território hospitalar (ou de algo que se instala entre tudo isto). *Aquelas* linhas de fuga, o devir-liberdade, *aquela* desterritorialização cessam. A pena é a morte (da esperança) *dessa* nova terra. Talvez outras se abram – talvez...

\*\*\*

### **Saúde de uma nova terra**

A cela de aula, em sua totalidade, está para além daquilo que talvez possamos entender. O momento da aula também é um espaço de saúde. Desintoxicados de medicamentos, recorrem a ela como um momento para estar num espaço de confinamento diferente daqueles espaços que os mantêm diariamente territorializados. A materialização de uma nova terra, ainda que momentânea e tênue, permite respirar saúde quando tudo representa uma doença. Estar na cela

de aula é uma desterritorialização do apenado: o encontro com o estudante que permite mentalmente deixar de ser o escravo para pensar a travessia. “É f\* ficar o dia inteiro com os manos na cela”, afirmou um estudante. Ficar o dia todo é a “doença” que relembra o tempo inteiro da condição de apenado e enfraquece o corpo; é também o apagamento de uma nova terra, ainda que numa distância longínqua. A cela de aula, em certo grau, é uma nova terra, mas não enquanto aquela que foi construída em cimento, mas aquela do momento em que se permite um respiro, uma leitura, um olhar vago ou ao menos mais saudável. Pouco importa o conteúdo do curso ou a discussão do dia, importa é esse momento de saúde.

\*\*\*

As oficinas eram muitas coisas: jogávamos e desenhávamos e escrevíamos e criávamos coisas e as listávamos e assistíamos a vídeos... Mas havia algo ali que estava aquém do *conteúdo* ou da *função*: mais do que os temas ou os objetivos, uma *forma*. Havia um exercício de abrir espaço, de perfurar os muros – ainda que nos mantivéssemos dentro das paredes da instituição –, de construir territórios outros, desejos outros, relações outras – eu não era professor, senhor, “autoridade”, mas um “deles”; e *eles* não eram doentes, pacientes, criminosos ou loucos – em vez do instituído “eles-e-eu”, um temporário “nós”. Éramos outra coisa, éramos aqueles que habitavam aquele território, uma *nova terra* e aí, precisamente aí, residia a potência das oficinas: não era uma questão pedagógica, nem uma questão laboral ou ocupacional ou terapêutica, não era uma questão de redução de pena – não havia pena –, o que parecia estar em jogo era a saúde em se experimentar o “fora da clausura” (PELBART, 2009). Um “fora” mais *intensivo* do que extensivo, uma fora da experiência dessa nova terra, desse devir de algo ainda inaudito e que nos mantinha vivos – saudáveis apesar de..., apesar da rotina e da vigilância e do controle e dos conteúdos e da prisão e das expectativas (ou da falta delas) e do mundo...

## Referências

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.